

Bakhtiniana e o compromisso ético com a produção da ciência / Bakhtiniana and the Ethical Commitment with Scientific Production

O mundo como conteúdo do pensamento científico é um mundo particular, autônomo, mas não separado, e sim integrado no evento singular e único do existir através de uma consciência responsável por um ato-ação real.
Mikhail Bakhtin

É alarmante observar como a produção da ciência, nos últimos tempos, tem sido ameaçada em algumas partes do mundo. Nas palavras de Eugênio Bucci, em sua coluna de *O Estado de S. Paulo* de 03 de abril de 2025, haveria uma estratégia para “desmontar os ambientes acadêmicos e lobotomizar os cérebros”... Nesse cenário, a existência e a publicação de uma revista acadêmica, como *Bakhtiniana*, torna-se um desafio a cada novo número. Desde sua criação (2008), nosso periódico tem procurado dar voz a todos aqueles que buscam compreender o objeto das ciências humanas, o *ser expressivo e falante* do qual nos fala Mikhail Bakhtin (2017, p. 59). Que sentidos se encontram em tais *objetos*? Como se constituem? A busca desses sentidos tem se configurado o centro de nossas publicações, uma produção científica interdisciplinar, com destaque para os estudos na área de Letras e Linguística.

Na década de 1920, Bakhtin já tratava da produção dos *sentidos* a partir dos três campos da cultura humana: a ciência, a arte e a vida (2006, pp. XXX-XXXIV). Afirmava ainda que é a responsabilidade ética que garante, no ser, a unidade entre esses campos: “aquele que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente” (2010, p. 79). Acreditando nessa relação, a publicação de *Bakhtiniana* é resultado de um forte compromisso ético da equipe editorial, compromisso direcionado à sua preservação e à manutenção de sua qualidade, acompanhado também do compromisso de todos aqueles - pesquisadores/autores, leitores e colaboradores - que a prestigiam e lhe dão vida.

O inacabamento da ciência faz com que perguntas e respostas que se colocam para nós no dia a dia da vida (acadêmica) suscitem novas reflexões, solicitem novas respostas, questionem as antigas:

Perguntas e respostas não são relações (categorias) lógicas; não podem caber em uma só consciência (una e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma

distância recíproca. Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal (Bakhtin, 2017, p. 76).

Fugindo desse conhecimento impessoal, aético, essas reflexões ocorrem num momento em que *Bakhtiniana* dá as boas-vindas a seu novo Editor Associado – Carlos Gontijo Rosa, na função que congrega uma multiplicidade de tarefas nos bastidores da publicação do periódico. Com experiência editorial em outras publicações e novos enfoques, Carlos Gontijo dá ares renovados à revista, garantindo, porém, a qualidade que a consagrou no campo acadêmico desde sua criação. Por outro lado, Maria Helena Cruz Pistori, nossa atuante e querida colaboradora, a Editora Associada anterior, limita sua participação na Equipe Editorial, após 14 anos de trabalho ininterrupto no fluxo de artigos, solicitação de pareceres, contato mais direto com autores e pareceristas, tomada de decisões editoriais... É a confiança na ética responsável que nos dá tanto a esperança de continuidade, como a força e o entusiasmo para enfrentamento de novos tempos.

Passemos, agora, à apresentação dos treze artigos submetidos e aprovados para este número de fluxo contínuo. Como sempre, as pesquisas envolvendo as artes ocupam um lugar privilegiado na revista. Iniciamos com um texto que trata da arte musical: “Por uma polifonia musical dialógica: contribuições da performance vocal solo”, escrito por Juliana Araújo Gomes e William Teixeira, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É importante lembrar que a música está bastante presente na obra do Círculo de Bakhtin, contribuindo, inclusive, para a criação de conceitos que, por analogia, passam a ser aplicados à literatura. Neste artigo, porém, os autores, ainda que partindo de Bakhtin, traçam o caminho inverso, isto é, se Bakhtin partiu da música para a literatura, Teixeira e Gomes perfazem o que poderia parecer um caminho de volta, mas agora com uma nova leitura da própria polifonia bakhtiniana no estudo da música de concerto escrita no século XX. Aliando teoria literária a estudos da musicologia, buscam compreender a dimensão polifônica da música de concerto, apresentando e analisando estratégias polifônicas aplicadas ao repertório vocal solo, como a multiplicidade de textos, de papéis e de ações.

Os dois próximos artigos vieram da Ásia Central, de países que até recentemente eram parte da antiga URSS (1922-1991), em cujas universidades *Bakhtiniana* tem tido uma penetração importante. Interessante notar como, de modo geral – e nestes artigos, em particular – a busca e o reconhecimento de suas próprias identidades, valores e

tradições são uma preocupação constante dos pesquisadores da região. O primeiro desses artigos é “Gênese da poesia oral cazaque: estrutura, tipos, funções (baseado no material *zhyrau* dos séculos XV-XVIII)”, assinado por Kairat Zhanabaev, Sansyzbay Madiyev, e Almasbek Maulenov e Aizhan Turgenbayeva, (Al-Farabi Kazakh National University - Almaty) e Galiya Shotanova (Kazakh Ablai Khan University of International Relations and World Languages - Almaty), do Cazaquistão. Os autores exploram os textos orais tradicionais produzidos pela vida criativa e poética do “povo criador de línguas” conhecido como *zhyrau* cazaque, apresentando sua gramática estereotipada, sua vinculação às raízes históricas e aos elementos fundamentais da sugestão, magia, mito, rito e ritual, até sua evolução a formas de arte e culturas contemporâneas.

O artigo seguinte, agora do Uzbequistão, de Shahnoza Ziyamuhamedova (Tashkent State University of Law - Tashkent), que tem o título “Uma análise comparativa do tema da perda da pátria na poesia lírica de Babur e poetas contemporâneos”, analisa os símbolos e metáforas usados na poesia de três poetas uzbeques: o primeiro, do séc. XV-XVI, Zahiriddin Babur, e os outros dois do séc. XX - Abdulla Oripov e Erkin Vohidov. O objetivo é verificar como o patriotismo representado pelos símbolos culturais e pelas representações de paisagens nativas, nos temas de exílio, nostalgia e identidade cultural em suas poesias, contribui à educação emocional e cultural de estudantes na atualidade.

Da Ásia Central partimos para Portugal, com o artigo “O poder de mudar o mundo: o apelo à *cruzada das crianças*”, assinado por Ana Margarida Ramos, da Universidade de Aveiro - UA, Aveiro Portugal. Na análise de um livro infantil que combina elementos ficcionais com não literários, num formato híbrido e multimodal - *A cruzada das crianças (vamos mudar o mundo)*, de Afonso Cruz, a autora reflete não só sobre o formato híbrido do texto, que inclui elementos performáticos e referências de outros discursos e artes, mas também sobre o modo como a obra incentiva o ativismo infantil a fim de mudar o mundo, expressando as reivindicações infantis em termos de seus valores fundamentais.

“Manifestações da estética do grotesco no Testamento de Jó”, redigido por Francisco Benedito Leite (Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas), é nosso próximo texto. O autor analisa um antigo texto judaico, obra apócrifa escrita em grego entre o fim do séc. I d.C. e o início do século II, observando como, embora se constitua numa atualização do texto hebraico anterior em vista da cultura vigente, dialoga amplamente com ele. Além disso, mostra como o texto não canônico

manifesta o *corpo grotesco*, de acordo com a maneira como Mikhail Bakhtin mobiliza esse conceito ao discutir a cultura popular na Idade Média e no Renascimento.

A seguir, Fabiano Dalla Bona e Carolina de Castro Wanderley (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) nos apresentam o estudo sobre a crônica carnavalesca do início do séc. XX, no artigo “A carnavalização da morte na crônica ‘A tragédia do cordão Estrela de Dois Diamantes’, de Luís Edmundo”. Os autores destacam como, nesse período, por um lado a crônica serviu a um projeto nacional de cultura burguês e europeu; por outro, houve as que permitem mobilizar o conceito de *carnavalização* de Bakhtin, na medida em que mostram a “face poética da transgressão” popular, em confronto com os cânones unívocos das primeiras.

A seguir, é sobre um conto de Machado de Assis que Larissa Ingrid Pinheiro de França Bezerra e Newton de Castro Pontes (Universidade Regional do Cariri – URCA) escrevem em “O realismo e o fantástico no conto ‘Sem olhos’, de Machado de Assis: uma investigação cronotópica”. A partir do conceito bakhtiniano de cronotopo, os autores nos mostram como o texto machadiano questiona a percepção da realidade, em termos de questões sociais, ao mesmo tempo em que investe no fantástico, utilizando os cronotopos da reunião noturna e da hospedagem infamiliar, comuns à literatura fantástica e gótica, e integrando o sobrenatural à construção realista da narrativa.

Os estudos referentes à comunidade surda e à Libras sempre tiveram seu lugar em nosso periódico. Este número não foge à regra, pois temos três artigos dedicados a eles. O primeiro deles intitula-se “A atuação de intérpretes de Libras-português durante a pandemia de Covid-19: interpretação remota e interlocução presumida”, de Vinicius Nascimento (Universidade Federal de São Carlos – UFSCar) e Felipe Venâncio Barbosa (Universidade de São Paulo – USP). Os autores analisam as alterações e adequações requeridas na atuação dos intérpretes de Libras-Português durante a pandemia de COVID-19 em três gêneros: a conferência, a aula e as *lives* musicais. O pensamento bakhtiniano, a autoconfrontação simples e os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais foram os fundamentos teórico-metodológicos do trabalho.

Tayana Menezes (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE) redigiu “A representação social sobre os surdos: um estudo sociocognitivista do discurso”. O estudo mostra como a própria comunidade surda constrói sua representação social. Considerando a representação social um “amálgama de diversos conhecimentos que orientam e possibilitam a interação sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito-mundo” intermediado

pelo discurso, a autora buscou, em entrevistas semiestruturadas realizadas com sujeitos surdos, as marcas linguístico-discursivas nas práticas socialmente preconceituosas naturalizadas numa sociedade majoritariamente ouvinte.

O terceiro estudo também analisa vozes sociais da comunidade surda, mas agora na internet. Intitula-se “Vozes sociais da comunidade surda em memes”, e a autora é Maria Kérsia da Silva Dourado (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN). Dourado analisa o modo como os memes visuais produzidos pela comunidade surda numa conta do Instagram mostram posicionamentos discursivos, e como tensionam o relacionamento com ouvintes e com a língua portuguesa. Além disso, como formas de expressão política, os memes analisados revelam a necessidade da comunidade de afirmar uma identidade linguística e cultural própria.

É especialmente voltado às práticas discursivas de resistência nosso próximo texto: “Designações em disputa: das relações entre (de)colonialidade linguístico-discursiva, dignidade menstrual e práticas discursivas de resistência e reexistência”, assinado por Maria Carmen Aires Gomes e Alexandra Bittencourt de Carvalho (Universidade de Brasília – UNB). Partindo de uma análise discursiva crítico-interseccional de dois textos midiáticos, as autoras nos mostram o debate epistêmico-ontológico e o confronto em torno da denominação “pessoas que menstruam”. Essa disputa pelos sentidos a partir da posicionalidade dos corpos em intersecção das autoras dos textos midiáticos cria saberes e poderes, expressando um ativismo linguístico-discursivo como “forma de reexistir, resistir e enfrentar a colonialidade linguística”.

Lia Abrantes Antunes Soares e Ana Letícia Oliveira Noronha (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) apresentam-nos uma pesquisa sobre a emergência da gramática na infância, no artigo “Crianças são linguisticamente criativas ou conservadoras?” Na área dos estudos de aquisição da linguagem, o trabalho avança no conhecimento do que seja uma atitude conservadora nos enunciados das crianças, em oposição àquela considerada criativa. Alinhando-se à linguística cognitivo-funcional, numa perspectiva sociocognitiva, as autoras exemplificam seu posicionamento por meio da análise de dois vídeos do tipo diário parental divulgados em rede social.

São os provérbios, vistos como formas de cuidado de si e do outro, o foco do artigo “‘É uma memória afetiva’: provérbios como prática cultural de cuidado de si e do outro”, de Rejane Brandão Siqueira, Edson Cordeiro Santos e Jennifer Pena Vasconcellos da Silva (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO). Tomado como

uma prática cultural, o uso de provérbios é retomado em uma pesquisa que pretende investigar, nos relatos de memória, seu uso como marcas de cuidar e ser cuidado. As entrevistas coletivas realizadas em rodas de conversa, com profissionais de um curso de Especialização em Educação e estudantes do Ensino Médio, apontam para as características de cuidado de si e do outro, assim como da promoção da conexão humana no uso e rememoração dos provérbios.

Enfim, na publicação dos treze artigos deste número, reiteramos nosso compromisso ético com a produção científica de qualidade. Por isso, convidamos todos – leitores, autores e colaboradores - a responder ativamente a esses textos, saboreando e incluindo em suas pesquisas este conjunto, que congrega 14 instituições: 4 estrangeiras (Al-Farabi Kazakh National University e Kazakh Ablai Khan University of International Relations and World Languages, Cazaquistão; Tashkent State University of Law, Uzbequistão; Universidade de Aveiro, Portugal); e 10 brasileiras (UFMS, URCA, PUC-Campinas, UFRJ, UFSCar, USP, UFPE, UNB, PUC-Rio, UFRN), e 25 pesquisadores.

Agradecemos, mais uma vez, o inestimável e constante apoio, auxílio e reconhecimento do CNPq/CAPES - Chamada CNPq/CAPES Nº 30/2023 Programa Editorial (Versão Republicada), proc. 400913/2024-0.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. pp. 57-79.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010. p. 58.

BUCCI, Eugênio. O martírio da universidade brasileira começa lá. *O Estado de S. Paulo*, Espaço Aberto, São Paulo, 03 de abril de 2025. Disponível em: <https://digital.estadao.com.br/article/281629606086090>. Acesso: 03 abr. 2025.

Beth Brait*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Faculdade de Filosofia, Comunicação e Artes – FAFICLA, Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia, São Paulo, São Paulo, Brasil; Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; Pesquisadora 1A do CNPq; <https://orcid.org/0000-0002-1421-0848>; bbrait@uol.com.br

Maria Helena Cruz Pistori**
Bruna Lopes***
Paulo Rogério Stella****
Regina Godinho de Alcântara*****
Adriana Pucci Faria Penteado e Silva*****
Carlos Gontijo Rosa*****

** Editora associada da *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; Pós-doutorada em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0751-3178>; mhcpist@uol.com.br

*** Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST, Serra Talhada, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9440-779X>; bruna.lopes@ufrpe.br

**** Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Faculdade de Letras – FAL, Maceió, Alagoas, Brasil; Pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4494-6319>; prstella@gmail.com

***** Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Centro de Educação – CE, Vitória, Espírito Santo, Brasil; Pós-doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5748-3918>; regina.alcantara@ufes.br

***** Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6302-6521>; appucci@uol.com.br

***** Universidade Federal do Acre – UFAC, Centro de Educação e Letras – CEL, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6648-902X>; carlosgontijo@gmail.com

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e71320p, abril/jun. 2025